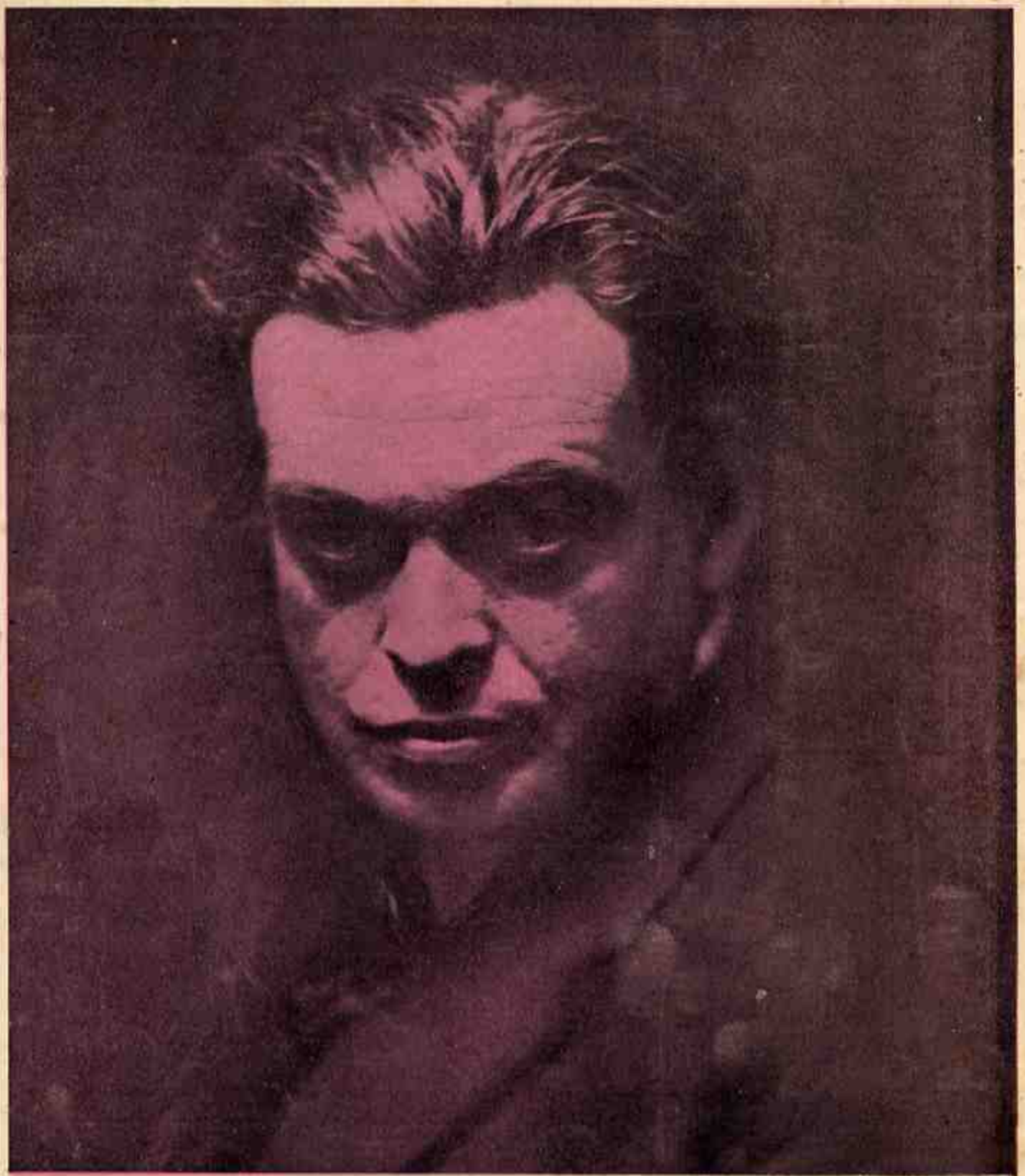


Vitoriano Braga, laureado dramaturgo, Comissário do Governo junto do Teatro Nacional, que acaba de ser agraciado com o oficialato de S. Tiago da Espada e de quem a "Alma Nova" publicará, no próximo número, a linda comédia em um acto "Lua de Mel".

ALMA NOVA

V SÉRIE — NUM. 4 — PREÇO: ESC. 2$50

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

	País e Col.	Estr.
ANO (12 N.os).....	25$00	30$00
SEM. (6 N.os).....	13$00	16$00

NÚMERO AVULSO 2$50

ALMA NOVA

Fundador-Gerente: Mateus Moreno
Administrador: Manuel A. Coutinho Junior

Direcção: Dr. Emílio Salgueiro, Dr. Luís d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno.
Redactores-Secretários:
Dr. F. d'Ascensão Mendonça, Dr. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt

REDACÇÃO — ADMINISTRÇÃO E TIPOGRAFIA
Travessa de André Valente, 7-1.º E.
LISBOA
Propriedade e Edição
da Cooperativa Editora e Tipográfica
"RESSURGIMENTO"

S u m á r i o

Capa: — O dramaturgo Vitoriano Braga . . . . . FOTOGRAFIA
Um português: Pedro Fernandes Tomás . . . . JOSÉ BRANDÃO
Contas... Correntes: Notas do mês . . . . . A REDACÇÃO
As nossas entrevistas: Sôbre a 1.ª Exposição d'Ex-libris MATEUS MORENO
Os nossos poetas: Ao acender da candeia (soneto) . ARMANDO CORTES-RODRIGUES
Figuras Nacionais: I — Dr Magalhães Lima . . . CRUZ MAGALHÃES
Contos e Novelas: O Diabo, mestre de dança . . . LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES
As nossas Colónias: Angola (Conclusão) . . . . DR. F. D'ASCENSÃO MENDONÇA
Crónica Militar: Como resolvo um tema tático . . CORONEL JOSÉ PAULO FERNANDES
O Mês Artístico: Exposição. Teatros. . . . . NOGUEIRA DE BRITO
Crónica literária: O problema da «brasilidade» e o problema português . . . . . REBELO DE BETENCOURT
Section International . . . . . A REDACÇÃO
Hors-tex: Dr. Magalhães Lima, des. . . . . SAAVEDRA MACHADO
Actualidades: Reportagens gráficas sôbre a aviadora americana Ruth Elder, a exposição do Ex-libris, o funeral de Luís Derouet, o Monumento ao Patrão Joaquim Lopes em Paço d'Arcos, Figuras e Factos, etc.

Amigos da "Alma Nova"

Assim consideraremos todas as pessoas que nos obtiverem 10 assinaturas semestrais, ou se inscreverem numa só vez com uma assinatura no seu equivalente, ou hajam prestado à «ALMA NOVA» qualsquer auxílios materiais ou morais que lhes dêem jus a esse título.

Todos os «AMIGOS DA ALMA NOVA» ficarão com direito a que o seu nome figure sempre nesta página, a receber a revista gratuitamente e a entrar livremente em todas as suas festas, exposições e conferências.

Iniciando a já numerosa lista de boas e leais amizades, às quais pode dizer-se que se deve a manutenção da «ALMA NOVA», aqui nos registar até hoje os seguintes nomes:

DR. JAIME DA GRAÇA MIRA, Professor, e Diplomado em Farmácia
SR. CRUZ MAGALHÃES, Escritor, Poeta, e benemérito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, — Lisboa.
DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA, Prof. Advogado, e Escritor — Lisboa.
SR. FRANCISCO DAS DORES GONÇALVES Presidente do Centro do Algarve, — Rio de Janeiro.
DR. F. DO CARMO E CUNHA, Chefe de Rep. do Min. do C. e Advogado,
DR.ª D. BRANCA LOPES MARTINS, Professora, e Escritora, — Porto.
SR.ª D. MARIA MADALENA MARTEL PATRÍCIO, Escritora. — Lisboa.
» CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA, Escritora, — Lisboa.
SR. JOÃO SAAVEDRA MACHADO, Artista, — Pedrouços.
TENENTE SIMEÃO VITÓRIA, Prof. e Escritor, — Luanda-Angola.
ENG.º A. VELOSO DE ARAÚJO, Proprietário, e Escritor, — Famalicão.
DR. SIMÕES RATOLA, Escritor, — Lisboa.
CAP. FRANCISCO DA SILVA PINTO, — Lisboa.
DR. F. GODINHO CABRAL, Oficial do Exército, e Advogado, — Lisboa.
SR. J. AGOSTINHO FERNANDES, Industrial, — Lisboa
TENENTE DE MARINHA J. RODRIGUES COSME, — Macau.
SR. JOSÉ DE SOUSA GAGO, Professor, — Silves.
» JOSÉ DE SAMORA BARROS, Prof. e Artista, — Albufeira.
DR. M. PEREIRA DA SILVA, Proprietário, e Jornalista, — Lisboa.
JOSÉ SARZEDAS, Guarda-livros, — Lisboa.
ANTONIO GOMES DA COSTA OLIVEIRA, Idem, — Famalicão.

Continua).

A «Alma Nova» não faz política partidária, — é uma revista puramente nacional. Ajudar a mantê-la é, por isso, um dever de todo o bom português.

Cooperativa Editora e Tipográfica "RESSURGIMENTO"

■ AVISO ■

Devendo reunir-se no fim do ano corrente a Assembleia Geral desta cooperativa, para apresentação das contas da Gerência e última redacção dos estatutos, afim de se promover à sua consttiuição definitiva, avisam-se todas as pessoas que desejem usufruir das consideráveis vantagens de sócios *fundadores*, de que não devem deixar de inscrever-se nesta prestante instituição até 31 de Dezembro.

Pedir boletins e indicações ao

Escritório e Oficinas

T d'André Valente 7, 1.º E.

LISBOA

Trabalhos tipográficos em todos os géneros, ■ ■ ■ 20 a 30% mais baratos. ■ ■ ■

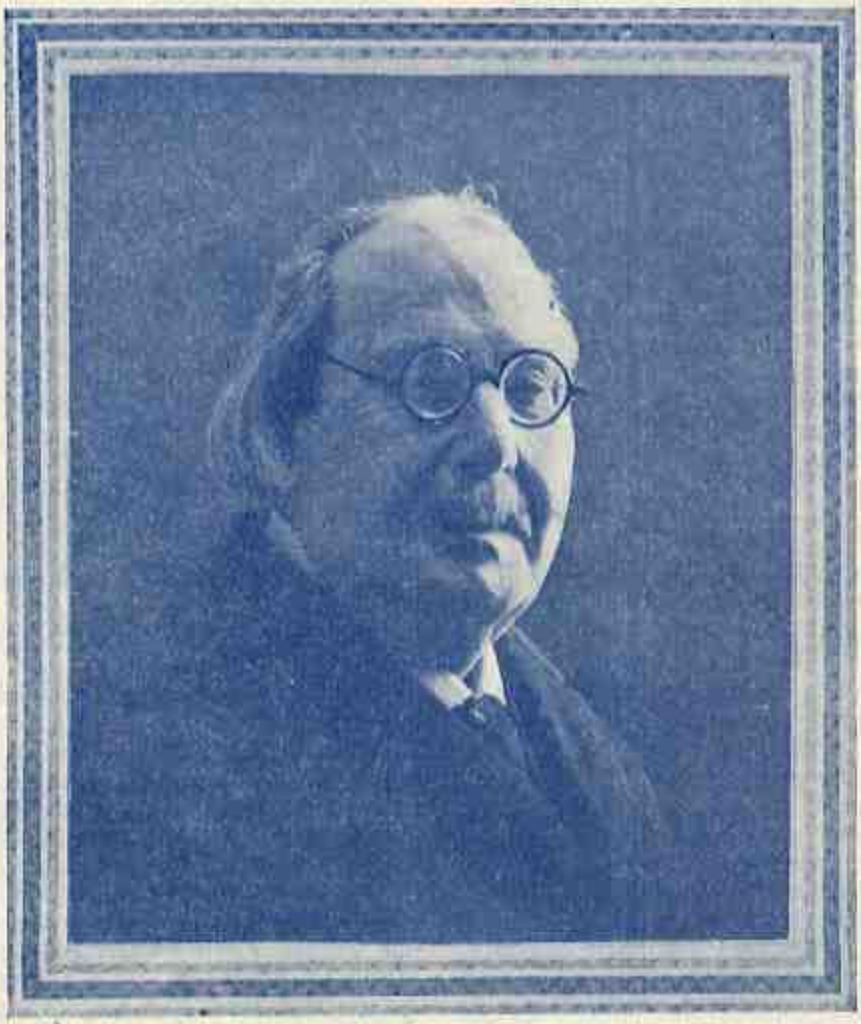
NUM. 4 Lisboa, Novembro de 1927 V SERIE

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

UM PORTUGUÊS

Pedro Fernandes Tomás



Pedro Fernandes Tomás

Era alguem êsse homem que, ha pouco mais dum mês, morreu na Figueira da Foz, sua terra natal, êsse homem que tão devotadamente quiz à sua «pátria pequenina» e tão bem trabalhou num sentido nacionalista e construtivo.

A su obra, a obra da sua vida sábia e pacientemente investigadora, atesta e comprova esta afirmação deste seu discípulo que, se não foi dos primeiros no aproveitamento, dos primeiros foi na carinhosa admiração pelo Mestre, como hoje o é, como será na saudade e na veneração pela sua memória.

Mestre Pedroc—omo afetuosa e reverantemente era tratado e nomeado por todos os que foram seus discípulos: duas gerações — se intelectual e espiritualmente foi um mestre, como homem foi um exemplo.

Com efeito, não conheço melhor exemplo de trabalho e de fé do que a sua larga vida trabalhosa e fecunda, assim como nunca senti e apreciei maior bondade do que a da sua alma bondosíssima.

Mestre pelas lições dos seus longos anos de professorado, mas sobretudo, principalmente Mestre pela lição que foi a sua vida exemplar, a sua vida de trabalho nobre e duradouro, de esfôrço digno, embora — talvez... por isso mesmo — limpo de réclames, despido de ouropeis de certas consagrações, ignorado de certa crítica e quási desconhecido do público.

A sua obra começada quando a febril bro-

toeja liberalista grassava com maior intensidade, quando os nossos poetas iam beber *ao Papá Hugo, os oradores lusitanos vestiam pelo figurino Danton e Desmoulins e os prosadores nacionais já em si eram traduções baratas do francês barato do 2.º império, a obra de Pedro Fernandes Tomás foi um «remar contra a maré», essa triste maré alta liberalista que nos deixou na vazante o lodo em que a minha gèração, a «gèração do sacrifício», se atolou e de que trata de se desembaraçar para que os da «gèração do resgate» encontrem o caminho já limpo e sêco para as realizações reconstrutivas.*

Nesse remar contra a maré, nesse trabalho reconstrutivo e eminentemente nacionalista, gastou Pedro Fernandes Tomás a vida, algumas dezenas de anos da sua vida, numa porfiada luta pela Tradição, que é afinal, a «fogus-vitæ», a alma imorredoura da Nacionalidade.

Arquitetura, velhos costumes e usanças populares, bibliografia, antigas canções e danças regionais, factos de história local, homens e figuras, tudo isso Mestre Pedro ia focando, apontando, anotando. Tudo isso êle salvou do esquècimento e ia apresentando aos estudiosos ou aos que, simplesmente «homens-bons», bons portugueses de Portugal, compreendem a perda irreparável que seria a de todos êsses materiais com que se alicerça um tão digno e dignificante sentimento nacionalista.

Apontar os títulos das suas obras publicadas é bastante, penso eu, para dar idéa da orientação, tanto da vida mental, como do valor nacionalista, fecundo e profícuo da obra de Pedro Fernandes Tomás.

Salvo omissão, publicou:

«Canções Populares da Beira» (poesia e música); «Velhas Canções e Romances Populares Portugueses» (poesia e música); «Cantares do Povo» (poesia e música); «Selecção de Elementos para a História do Concelho da Figueira); «A Figueira e a Invasão Francesa»; O Conde Oorani em Portugal».

Arqueólogo distinto, fundou com o falecido Dr. António dos Santos Rocha, outro ilustre figueirense, a Sociedade Arqueológica em cujos Boletins publicou eruditas comunicações e memórias.

Fundador do jornal «Gazeta da Figueira», que dirigiu largos anos, e da revista "Figueira", nelas publicou numerosíssimas notas históricas e bibliográficas, assim como na revista «Portugalia», e nos jornais «Correspondencia da Figueira», 8 de Maio, "Correio da Figueira" e "Comercio da Figueira".

Foi assim, de estudo e de investigação: de trabalho são, eminentemente construtivo e louvàvelmente nacionalista, a vida de Pedro Fernandes Tomás, vida exemplar e como tal digna de ser apontada à gèração do resgate, aos novos que, como Mestre Pedro Fernandes Tomás, descobriram Portugal sem passarem a fronteira.

Como foi a sua vida, assim sejam as dos que, guiados por um alto e belo sentido nacionalista, trabalham por restituir à Nação a consciência da sua dignidade e o aprêço do seu próprio valor pelo conhecimento dos seus verdadeiros valores mentais e espirituais.

José Brandão

Contas... correntes

A NOSSA DIVISA

Referir-se com a maior isenção a todos os acontecimentos do "mês a mês" político e social, é virtude de que "Alma Nova" não póde deixar de ufanar-se.

A sua rota inicial — "pelo bem do País e por uma cultura maior" —, ainda não foi, até hoje, nem será decerto interrompida, porque, no meio do vergonhoso e contínuo dessoramento de virtudes a que assistimos, há ainda, de vez em quando, uns assomos de consciência colectica, que reanimam os que confiam.

Acima da luta mesquinha dos interesses e da apatia derrotista dos que só fixam o grão da sua mangedoura, sem se preocuparem com o mal ou as necessidades dos que os cercam, alguma coisa existe ainda a que os espíritos bem formados se não pejam de atender.

E', porém, necessário que o número dêstes, engrosse e que á responsabilidade dos seus deveres perante a nação sejam chamados todos os que teem uma alma verdadeiramente portuguesa para sentir as suas máculas.

"ALBUM DE PORTUGAL"

Saavedra Machado, o querido artista que sempre dispensou à *Alma Nova* o seu maior e mais disvelado carinho, está organizando um formoso album de pinturas e desenhos seus, com colaboração literária de alguns dos nossos melhores escritores, representando *figuras, monumentos, aspectos e paisagens nacionais.*

O artista dispensou-nos gentilmente a primazia da publicação dos respectivos originais, sendo o belo retrato do Dr. Magalhães Lima, bem como as nobres e justas palavras do poeta sr. Cruz Magalhães, que o acompanham, nêste número, o *início* do 1.º tomo: "Figuras Nacionais".

E fica bem iniciado, crêmo-lo.

VITORIANO BRAGA

A capa da *Alma Nova* é hoje dedicada a êste escritor de teatro. E' uma homenagem a que associamos todos os nossos leitores, porque nenhum, decerto, deixará de admirar as brilhantes qualidades do distinto dramaturgo e novo oficial da Ordem de S. Tiago.

AS NOSSAS ENTREVISTAS

Sôbre a 1.ª Exposição de "Ex-libris" Nacionais e Estrangeiros

O culto do *Ex-libris* não é um assunto de arte mèramente recreativo, é um tema de natureza essencialmente psicológica, que não podia deixar de chamar sôbre si o interesse das camadas intelectuais.

O êxito admirável da «1.ª Exposição de *Ex-libris* nacionais e estrangeiros», organizada pela Imprensa Nacional de Lisboa e há pouco tão lutuosamente encerrada, com o assassínio do seu principal mentor, Luís Derouet, vem claramente demonstrar a verdade do nosso assêrto.

Antes de terminado o brilhante certame, a «Alma Nova» não podia deixar de ir felicitar a sua Comissão Organizadora e de aproveitar a ocasião para entrevistar um dos seus dedicados membros. Quiz o acaso que fôsse êle o nosso Ex.mo amigo e camarada no jornalismo sr. João Rosa, que imediatamente se dispoz a prestar-nos todas as notas e exclarecimentos que sôbre o assunto desejássemos:

— Repare, porém, ponderou todavia, nas responsabilidades que impendem sôbre mim, como secretário da Comissão e naquelas que contráio, satisfazendo o vosso pedido.

— E' de comprender o melindre — concordámos —, mas desejando a «Alma Nova» registar, sobretudo, as impressões colhidas na presidência da sala, quer através da sua visão jornalística, quer das preguntas que, necessàriamente, lhe teem sido formuladas pelos visitantes, conforme o «leit-motiv» do interesse particular perante a exposição, quem melhor quer V. Ex.ª para nos fornecer tais elementos?

— Realmente, respondeu-nos, tenho observado que cada visitante, embora admire o conjunto tam apreciável do certame, marca uma predilecção dentro da sua visualidade estética ou do âmago do seu sentimento literário, que é, quási sempre, a maneira íntima de actuar na vida.

— Dize-me com quem andas... e dir-te-hei o *Ex-libris* que preferes, não é assim? — convivemos.

— Vou mais além. Pelo *Ex-libris* se póde aferir da preferência literária do seu possuidor. E' como se dissesse: a psicologia de cada qual está nos livros que compõem a sua biblioteca.

— Mas decerto não ignora que há também quem compre livros aos metros e encadernações a pêso...

— Oh! sim, creio nisso e até, muito piamente, na contrária: isto é, que haja quem tenha *Ex-libris*... sem ter livros!...

Reatando, porém, dizia eu que, realmente, alguma coisa tenho observado do meu miradouro.

Quanto ao público, não falando nos expositores nem nas colecções, noto interesses marcados muito curiosos e muito antagónicos: há quem procure, principalmente, a heráldica portuguesa — e deixe-me dizer-lhe que abundo nesse patriotismo, ou, se quizer melhor, nêsse bairrismo, como já algures evidenciei, ao afirmar que Evora, a minha pátria adoptiva, anda ligada ao culto do *Ex-libris*, e ao acentuar a grande parte que letrados e mitrados tiveram nesse culto.

— Não deixei de o lêr, no «A. B. C.»; os meus parabens! Mas não foram só fidalgos e clerezia que pagaram tal tributo...

— Sem dúvida! Tenho até o maior prazer espiritual em citar-lhe uma ala muito curiosa de galantes damas da gèração contemporânea, que tem feito interessantes marcas de posse para os seus livros, numa justa abolição da garatuja — salvo seja — do nome escrito no frontespício das espécies que possuem.

Pertencem a essa ala: D. Maria Antónia Rebelo de Andrade, D. Veva de Lima, D. Zulmira Teixeira (Falcarrero), D. Maria Cristina Trindade Coelho, D. Maria Josefina Andersen, D. Maria Adelaide d'Oliveira Belo, D. Flora de Sousa Rodrigues, D. Maria Emilia de Aguiar Azevedo, D. Maria Bandeira Nobre, D. Maria Emília Faria, D. Ana do Quental, D. Irene Vieira Lisboa, D. Raquel Anjos Jardim de Castro, D. Estefânia Cabreira, D. Ana e D. Helena Guedes, D. Julieta Ferrão, D. Branca Ferreira Pinto, D. Joana de Almeida Nogueira, D. Maria Seixas Cabecinha, D. Branca Rumina, D. Sofia Abcassís e D. Mercedes Blasco...

— Pleiade ilustre, sem dúvida, onde encontra-

mos nomes de titulares, de escritoras, de médicas, de actrizes...

— E de simples donas de casa, que sabem dividir com método o seu tempo, deixando algumas horas disponíveis para cuidarem também do espírito, pela leitura.

Nas senhoras, devo acrescentar ainda um nome, o de D. Raquel Bandeira de Melo, a qual apresentou uma colecção que mereceu a atenção dos visitantes pela forma como foi reunida; e no mundo masculino, não chegaria um número da «Alma Nova», talvez, para a citação de todos os nomes.

— E quanto a divisas? — preguntámos.

— E' também muito pitoresca, curiosíssima mesmo, essa faceta da exposição — uma das mais procuradas por certo público.

Entre as espécies estrangeiras encontram-se, a par de desenhos que são maravilhas, pensamentos sublimes como êste da colecção do desenhador belga Hubert Dupont: «Si d'une bibliothéque Dieu avait pourvu ma maison il m'aurait fait le roi de la création». Palavras atribuídas a um caracol que pousa, altivo, sôbre um livro. Ou então êste outro, da mesma autoria: «Dans chaque demeure brulent des lampes; entre toi qui cherches clarté.

— E nos portugueses?

— Se algumas espécies há em que o desenho é tudo, outras há em que as divisas marcam e os desenhos são quási nada...

— Lembra-se dalgumas divisas?

— Por exemplo: «Por bem», «Amor com amor se paga», «Dai velas, dai, ao largo vento», «Este é o meu sangue», «Pelo bem, pelo belo», «Luta e crê, dominarás», «Se quizeres saber has de viajar e lêr», «Depois de vós, nós» (Casa de Bragança), «Ars super omnia», «Vœ vitae», «Docet omnes gentes», e a minha: «Pró Pátria Semper»...

— E diz tudo.

— Como quási tudo lhe disse das impressões colhidas no meu cargo; restando-me acentuar, ainda dentro da minha divisa, que é dum grande alcance para o nosso país (e não só literário e artístico) a feliz iniciativa do meu amigo e director, Presidente da Comissão organizadora de que faço parte, sr. Luís Derouet, a quem o mundo culto internacional fica devendo um assinalado serviço.

Mal sonharia o nosso entrevistado, mal sonharíamos então nós, que antes de ter visto os resultados da obra grandiosa que tão patriòticamente acarinhou, Luís Derouet fôsse tão inglòriamente recompensado, com a morte, à traição, em plena via pública!

Mateus Moreno

Ao acender da candeia...

INÉDITO

E quando as sombras surgem, à tardinha,
Pelos cantos do lar e a casa inteira
Tem um ar de mistério, na maneira
De alguma aparição que se avisinha;

Quando se fecha a porta hospitaleira,
E se peneira a luz, como farinha,
Tão alva, tão diáfana e fraquinha
Que vagamente as coisas empoeira;

É quando, em lar de pobres, a candeia
— Mãos de luz a chamarem para a ceia —
Na modorra das brazas é acesa.

E as sombras não se vão à revella,
Antes juntas, em nossa companhia,
Ficam ballando em derredor da mesa.

Açôres, Ilha de S. Miguel, 1925.

Armando Côrtes-Rodrigues

DR. MAGALHÃES LIMA

Por SAAVEDRA MACHADO

FIGURAS NACIONAIS

I

DR. MAGALHÃES LIMA

Orgulho-me de sêr convidado para escrever algumas palavras a respeito dêste meu querido e venerando amigo, cujo convívio fraternal de largos anos me tem adoçado muitas amarguras da vida madrasta, e cuja alma, sempre nova, tem animado a minha, há muito envelhecida.

E' um homem cheio de fé constante nos destinos da Humanidade, de esperança firme no fecundo ressurgimento da Pátria, e de caridade magnânima para a cainçada atrevida, que o abocanha.

O invejoso tanto mais agressivamente traidor se revela quanto mais insignificante é. Instiga-o uma perversidade nativa, que os homens de autêntica envergadura moral desprezam.

Os inimigos do fogoso tribuno são, na sua maioria, criaturas duma suprema insignificância, que se debatem rancorosas no charco da própria impotência mental e moral.

Homens como o Dr. Magalhães Lima deviam sêr respeitados e amados por todos os seus compatriotas, pois pela Pátria sacrificam tudo.

Alma ingénua, trato afável, naturalidade sem artifício, eis os fulcros em que gira a sua vida de apóstolo.

Anima-o sempre o desejo de sêr útil: dos milhares de pedidos com que o assediam, se pudesse, nem um ficava insatisfeito.

Livre pensador, nem por isso deixou de seguir sempre as puras máximas atribuídas a Cristo, e pratica-as nobremente.

O maior diplomata da República, como justamente o cognominaram, obteve agora, aos 77 anos, um assinalado triunfo. Presidente da União Internacional das Associações de Imprensa, foi dirigir os trabalhos do vigésimo congresso, que se realizou ultimamente em Londres, onde estiveram representadas vinte e três nações.

Logo na primeira sessão, alegando a sua idade, a dificuldade sempre crescente de efectuar longas viagens, etc., lembrou a conveniência de sêr substituido no honroso lugar que há doze anos exerce. A assembleia ergueu-se unânime na consagração do seu ilustre presidente e no protesto contra toda e qualquer idéa de substituição.

Foi um belo acto de justiça, espontânea e vibrantemente manifestado, o que prova sêr o preito dos estranjeiros às vezes mais caloroso e justiceiro do que o dos próprios compatriotas!

Para terminar estas palavras, reveladoras sòmente de sinceridade e de imparcial isenção, o lema que adotou, o melhor timbre da mais altiva heráldica: «mais honra do que honras».

—

Aprás-me, desvanece-me, o facto desta mesquinha prosa acompanhar uma obra de arte, devida à suma perícia e ao reconhecido talento de Saavedra Machado. Este probo artista enriqueceu os albuns do Museu Etnográfico de Belem com alguns milhares de desenhos comprovativos duma técnica perfeita e dum meticuloso labor.

O retrato do Dr. Magalhães Lima confirma os justificados créditos do artista.

CRUZ MAGALHÃES

CONTOS E NOVELAS

O DIABO MESTRE DE DANÇA

Eu conheço três raparigas, por sinal muito interessantes, que além doutros atributos dignos da nossa admiração possuem a qualidade não estar cinco minutos sem dançar seja com quem fôr. Ainda há pouco, quando tive o prazer de as vizitar, encontrei uma delas sentada ao piano tocando o *black-bottom* emquanto as outras duas, numa revoada diabólica, davam no meio da sala, ao som da música, uns saltos e umas piruetas de pôr os cabelos em pé. Mal eu entrei correram para mim, a dançar, e antes mesmo de procurarem pela minha preciosa saude e de eu ter tempo sequer para descalçar as luvas, agarraram-se-me ao meu casaco, levaram-me para o meio da casa, fizeram-me dançar o maxixe, o *fox-trot*, o *charleston*, o *black-bottom*, o diabo, — emquanto a encantadora pianista, que quasi não tinha dado pela minha chegada, continuava, com a dextresa dos seus lindos braços nus, jogando o box com as téclas do piano.

O caso destas raparigas não constitui, evidentemente, um caso isolado: pelo contrário, é apenas um reflexo desta vertigem colectiva que invadiu a humanidade e que está, por toda a parte, fazendo dançar o mundo. A epidemia da dança, a que ninguem consegue hoje escapar, constitui, na sua expressão patológica, uma das maiores calamidades que têm caido sobre as nossas cabeças e — talvez mais grave ainda — sôbre as nossas pernas. Ainda há dez anos dançava-se, quando muito, uma vez por semana, nas vésperas dos domingos ou dos dias feriados; era uma dança quasi furtiva, em que apenas se tocavam as pontas dos dedos; o rapaz ia convidar a rapariga para lhe dar a honra duma valsa ou duma quadrilha e, por fim, ia acompanhá-la ao seu lugar, agradecendo-lhe a honra concedida; salvo algumas excepções, só dançavam os rapazes e as raparigas novas, emquanto os homens mais velhos jogavam o «sólo» e as senhoras de idade diziam furiosamente mal umas das outras. Um dia, porém, inesperadamente, por razões que são do conhecimento de todos nós e que seria longo enumerar, as coisas mudaram como por encanto; começou por se introduzir o «one-step», veiu depois o «fox-trot»; o «maxixe» passou a dançar-se nos salões; o «tango argentino» foi incluido na ordem da noite; um belo dia surge o *jazz-band* com o seu cortejo de xilofones, de tímbales, de trombones, de caixas de rufo, de pandeiretas, de uivos e de gritos em inglês; o batuque de pretos converteu-se na grande aspiração de todos os brancos; aparece o *charleston* e o *black-bottom*—e então foi o delírio, a apoteose, o sonho, a divindade. Todo o mundo começou aos saltos e às piruetas pela vida: toda a gente, novos, velhos, crianças, amas de leite, chefes de estação, presidentes de ministério, directores gerais, deputados, senadores, juizes, numa palavra, todo o sêr humano que se julgava senhor de duas pernas e de dois braços começou a fazer uns tregeitos e a dar uns pulos que os mais optimistas resolveram chamar dança por comodidade de expressão: principiou a dançar-se por tudo e para tudo, para almoçar, para jantar, para ir ao teatro, para pôr o chapéu, para ir fazêr uma vizita de pésames. Há gente que não pára um momento. Começa a dançar à meia noite e acaba de dançar à meia noite do dia seguinte. A política, a literatura, o amor, a vida passaram a constituir motivos coreográficos. Na rua andamos a dançar, subimos para os electricos a dançar, somos atropelados a dançar. Eu próprio emquanto escrevo danço sobre o papel sem querer, sem saber como, sem saber porquê — embora, muitas vezes, tenha preguntado a mim próprio onde nos levará o delírio de tanto passo perdido...

Quando na tarde em que vizitei essas três raparigas, depois de duas horas de dança, quasi morto me atirei para um sofá — uma delas aproximou-se de mim e disse-me:

— Foram sempre as mulheres que fizeram dançar os homens, meu amigo!

Ia a responder-lhe que não era menos verdade sêr o diabo o mestre de dança das mulheres, quando acabei de morrer de cansaço — morte de que só ressuscitei agora, três dias depois, para escrever estas linhas.

Dum livro a sair

Luis de Oliveira Guimarães

ACTUALIDADES

NOTAS GRÁFICAS DO MÊS

UMA «ASA» AMERICANA

MISS RUTH ELDER,

a formosa aviadora americana que primeiro tentou a travessia aérea do Atlântico e que foi, no mês findo, hóspede ilustre de Portugal, recebeu em Lisboa a «Cruz de Ouro» da nossa Aviação, com as mais inequívocas provas de apreço do público e da imprensa.

A CONDECORAÇÃO DA AVIADORA RUTH ELDER, NO CAMPO DE AVIAÇÃO DE ALVERCA.

A VISITA DOS DIPLOMATAS, JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS À 1.ª EXPOSIÇÃO DE EX-LIBRIS, NA IMPRENSA NACIONAL, VENDO-SE INDICADO POR UMA CRUZ O MALOGRADO DIRECTOR DAQUELA CASA.

Luís Derouet

Foi um acontecimento que encheu de verdadeiro luto todos os corações sinceramente portugueses, a morte do estimado Director da Imprensa Nacional de Lisboa e culto jornalista Luís Derouet, vítima dum nefando atentado.

Perfeito homem de bem e cidadão honestíssimo, criatura duma mentalidade superior e que sabia sempre, em todos os seus actos, aliar a ponderaçãoà inteligência, só a uma visão errada dos princípios da justiça ou a uma obliteração completa dos deveres sociais, tão freqùentes na desnorteante hora que passa sôbre todas as nações, só a isso podemos admitir a resolução fatídica da mão desvairada que o vitimou.

LUÍS DEROUET
Um dos seus últimos retratos.

Constituiu uma imponente manifestação fúnebre, o acompanhamento ao enterro de Luis Ecrocet. A nossa gravura dá um aspecto da multidão que segue o féretro à entrada do cemitério.

N O T A S D I V E R S A S

Dr. J. M. de Bettencourt Ferreira
Consul de portugal
em Boston.

Acaba de consorciar-se em Boston, com uma distinta senhora da melhor sociedade americana, o nosso querido amigo e colaborador, Dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, estimado consul de Portugal na mesma cidade.

A «Alma Nova» apresenta aos novos cônjuges os seus melhores augúrios de felicidades.

■ ■ ■

O sr. tenente Francisco Ribeiro Salgado, é não só uma das mais valentes figuras novas do nosso exército, mas também um escritor distinto, duma vasta cultura em assuntos económicos. A confirmá-lo está o volumoso trabalho «Interesses económicos luso-brasileiros», que há pouco fez publicar e que o ilustre Director do Instituto Superior do Comercio, dr. Francisco Antonio Correia, muito competentemente prefaciou.

■

Ten. Francisco Ribeiro Salgado
Da Repartição de Expansão Ecónomica
do Ministerio dos Estrangeiros.

EM PAÇO D'ARCOS

■

A inauguração do monumento ao Patrão Joaquim Lopes, em Outubro findo, na formosa vila de Paço d'Arcos, foi uma tocante cerimónia de nobre culto às virtudes cívicas da nossa gente do mar.
A' direita vê-se a bancada do Govêrno e entidades oficiais.

■

Todas as escolas e associações de classe locais compareceram com os seus estandartes á inauguração do Monumento ao Patrão Joaquim Lopes. A nossa gravura representa uma dessas associações.

■

Um livro oportuno

Deve ser, finalmente, posto à venda, na próxima semana, o novo livro do nosso Director, ten. Mateus Moreno, sob o título «A Nova Guerra e a Artilharia», e que, a ajuizar pelo grande número de pedidos que a «Cooperativa Ressurgimento» já tem recebido, deve constituir o maior êxito da corrente época literária.

■ ■ ■

MATEUS MORENO

Tenente de Artilharia, autor do novo livro «A Nova Guerra e a Artilharia».

Não deixe de anunciar no nosso "Número do Natal"

AS NOSSAS COLONIAS

■ A n g o l a ■

(Conclusão)

De *Dala-Tando* fui ao *Dondo*, na margem do Cuanza. O *Dondo*, que foi antigamente o mais notável entreposto comercial de Angola, não é hoje mais que um aglomerado de ruinas, que em breve desaparecerão. No *Dondo* visitamos uma fazenda de alemães, que vieram aqui estabelecer a cultura do *sisal*, a preciosa fibra testil de tão elevado valor. Que diferentes são os métodos desta gente, disciplinada e confiante da sua acção! A' frente desta cultura está um técnico que sabe o que faz e tem absoluta segurança do seu trabalho.

Do lado sul do Cuanza e vizinhas dos alemães, estão as instalações da *Quissama Agrícola*, concessionária de estensões territoriais com as dimensões de uma das nossas províncias da metrópole. Esta companhia explora o óleo de palma e o coconote, dos vastos palmares expontâneos da sua formidável concessão. As sua instalações não me deixaram impressão que corresponda às possibilidades dos seus Domínios.

Devo, porém, notar aqui, que esta é a região da môsca do sôno, e aquela onde êste flagelo tem feito maiores desvastações. Diz-se que outrora esta região era densamente povoada; hoje está deserta, tendo de vir de fóra a mão de obra, que por sua vez por aqui fica em grande parte. *Dondo* é considerado a ante-câmara do cemitério. E na verdade assim deve ser. O automóvel que nos transportava era constantemente invadido pela tzé-tzé, tendo nós de fazer quáse contínuos exercícios de caça a tão silenciosos quanto ligeiros veículos da morte.

A 100 qm. para leste de *Dala-Tando* entramos no planalto de Malange. Tudo muda de aspecto. Vegetação e clima. Estamos a mais de 1.000m de altitude. Já não ha a tzé-tzé e o mosquito nesta época dá-nostréguas. Culturas: a cana sacarina (tendo Malage uma fábrica que produz algumas centenas de toneleadas de açúcar), arroz, batatas, *ginguba* ou amendoim (a nossa alcagoita) e toda a casta de hortaliças e legumes da metrópole.

Malange é, actualmente, o términus da linha férrea, a célebre linha de Ambaca. A linha é do Estado e como tal apresenta absurdos de exploração, que, creio, ninguem sabe explicar. Por exemplo: os produtos ricos, como a cêra e outros, encontram transporte mais barato em camião, de Malange para Loanda (mais de 600 qm.) do que no caminho de ferro! E' inconcebível! Muitos outros produtos, de diferentes pontos ao longo da linha férrea, procuram transporte em camião!

Pregunta-se: um caminho de ferro colonial, administrado pelo estado, é destinado a dar receita ou a fomentar o desenvolvimento da colonização e produção agrícola?

Cêrca de 100 qm. para diante de Malange, encontra-se novamente uma extensa região de floresta, onde o café expontâneo se nos depára largamente espalhado.

Visitámos a circunscrição de *Bondo e Bângala*, cuja séde é a futura cidade de *Quela*. Esta região é de um clima salubre, muito próprio para a colonização branca. Como disse, é uma região rica em café, e já se encontram aqui duas emprezas alemãs, uma delas dirigida por um príncipe, príncipe autêntico, que aqui se instalou e trabalha denodadamente. Isto consola e entristece-nos, simultaneamente! Que diferença entre um povo educado no trabalho e na desciplina e o nosso povo na contemplação das glórias dos nossos ante-passados, que foram trabalhadores e disciplinados!

O administrador desta circunscrição é um rapaz novo, entusiasta, activo, incansável, orgulhoso da sua obra, ambicionando, tanto como o seu, o bem da sua pátria. Quando nos exortava a que no nosso regresso fizessemos a propaganda, junto da mocidade, da grandeza e da fecundidade desta imensa terra, afloravam-lhe as lágrimas aos olhos! Esta região é das mais salubres que tenho encontrado. Aqui qualquer dos nossos camponezes poderia trabalhar do nascer ao pôr do sol, com menos sofrimento do que nas planícies do Alentejo ou na torreira do Vale do Saldo!

Os alemães que vieram aqui estabelecer-se para a cultura do café, em poucos anos serão senhores duma grande riqueza; e enquanto lá para baixo, para o *Cazengo*, *Dembos*, etc., nas regiões da môsca do sôno, numa região sem água nativa, nós roemos o ôsso, os alemães, em breve, estarão aqui a saboriar uma bôa pólpa. E valha a verdade, que nós ainda lhes devemos estar muito obrigados, por virem promover uma riqueza que ficaria por aproveitar, quem sabe até quando!

De *Quela* seguimos para *Nova-Oaia*, marginando o rebôrdo da chamada «baixa de Cassange», depressão resultante de um abatimento geológico, afundamento de um extenso território com algumas centenas de quilómetros de extensão, deixando um desnível de cêrca de 300m entre o planalto e o plano afundado. E' nesta baixa que se está a trabalhar na produção do algodão, com as melhores esperanças de bom êxito. Mas não podémos descer até lá, para vêr essas culturas.

Nova-Gaia é uma vila em embrião, tendo apenas de notável a sua posição na estrada da Lunda. O clima é bom, mas a fertilidade do solo é inferior à de Quela. Nesta mesma circunscrição há, segundo me informam, uma estensa mata com café ainda na posse do Estado,—a região de *Quissima*.

De *Nova-Gaia* a Saurimo, capital da Lunda, são cêrca de 500 qm. De Nova-Gaia para Leste, na zona que atravessamos, o solo empobrece, e depois de rio Cuango, limite da Lunga, muda bastante de aspecto, preponderando a areia em relação à argila.

Chegámos a *Xassengue*, primeiro posto da Lunda, e aqui nos instalámos um dia e duas noites em casa do chefe do posto, o tenente Maia. Estamos enfim na Lunda!

Tudo mudou de aspecto. O clima é optimo, mas a 1.000 qm. de oceano só muito tarde se fará uma colonização que se dedique à exploração da terra.

De Xassengue a Saurimo são 300 qm., que vamos fazer de uma assentada. Trezentos quilómetros é a imidade de distância em Angola, desde que se disponha de um automóvel. Há estradas, algumas magníficas, para tôda a parte. Pode-se viajar em tôdas as direcções, norte a sul, leste a oeste, por uma rede de estradas que honra sobremaneira o inteligente empreendimento de Norton de Matos. Informaram-me que a construção das estradas foi iniciada em 1912, quando Norton de Matos foi governador. Depois, quando regressou como Alto Comissário deu-lhe o impulso decisivo. Recordo-me de ouvir dizer, creio que ao próprio Alto Comissário, que a actual rede de estradas compreende 25.000 qm.

E' qualquer coisa de brilhante!

Creio que esta vai demasiado longa, com um relato muito vago e um tanto ou quanto desconnexo. Tem paciência.

Até agora temos visto muita riquesa por explorar e temos encontrado muito *explorador*... do semelhante.

Não te quero sugestionar, mas recomendo-te vivamente que te prepares para vir para cá. Aqui uma pessôa enérgica, trabalhadora e inteligente pode preparar a sua independência, prestando um alto serviço à sua pátria. O lugar comum dos patriotas de esquina: o futuro de Portugal está nas Colónias, é uma professia que necessita realização imediata. Eu tenciono voltar, é preciso que todos os que teem alguma energia e honesto desejo de servir a sua pátria, venham servi-la aqui. —**Francisco.**

Notas da actualidade

ANATOLE FRANCE

O aniversario da morte de Anatole France, a 12 de Outubro findo, passou quási despercebido em Portugal. No próximo número a «Alma Nova» evocará devidamente o grande escritor.

OS NOSSOS AMIGUINHOS

O menino Fernando Pinto, interessante filhinho do nosso dedicado assinante sr. Raul José Pinto da C. P.

DUARTE COSTA

O inteligente e espirituoso actor Duarte Costa, tendo saído voluntariamente da Empreza do Avenida, acaba de ser contratado para o «Teatro Salão Foz».

CRÓNICA MILITAR

Como resolvo um tema tático

(Tópicos de uma conferência)

. . . . . .

Diz o poeta (Camões-Lusíadas):

«Revolvidas as causas no conceito
«Ao propósito firme segue o efeito.»

Efectivamente, tudo o que vou dizer não é mais do que o efeito de um firme propósito.

Toda a minha vida tenho teimado em saber alguma cousa das questões militares fundamentais e, nesta ordem de ideias, a questão tática não poderia ficar esquècida.

. . . . . .

Por isso lá diz o poeta que dum firme propósito se obtem algum efeito.

São os efeitos deste propósito tenaz que vou referir e que constituirão a essência desta minha palestra...

Como resolvo um tema tático?

Começo por *escrever* o tema, não me contentando com a sua leitura apenas.

Sucede-me com o tema *escrito pelo meu punho* o mesmo que me sucede com o *reconhecimento* que faço *pisando* o terreno com os meus pés. Escrevendo o tema uma ou duas vezes quasi que o fico sabendo de cór; também o terreno que reconheço a pé, pisando-o, grava-se no meu espírito de maneira diferente do que percorrendo-o *transportado*.

Outros de *boa memória*, não precisam escrevê-lo; e há quem faça bons reconhecimentos a cavalo, de bicicleta e até de automóvel.

Após a escrita procuro as cartas em que se desenvolve o assunto e trabalho sempre com duas escalas; uma, de grande denominador — por ex. a carta itenerária ou a geodésica — para apanhar o conjunto, as grandes linhas; outra, de pequeno denominador, 1/20.000 por ex., para estudar os pormenores e os pequenos movimentos das colunas. E' óbvia a utilidade das duas cartas, àparte ainda o desembaraço natural que dá a quem as utiliza, ginasticando-lhe o espírito para acomodações rápidas a escalas diferentes de grandezas iguais.

Em geral, não me contento ainda com a simples leitura do tema em presença das cartas: lanço mão dos lápis de côres e contorno a côres, para mim convencionais, com pequenas circunferências os pontos notáveis, limito com linhas as fachas interessantes, tracejo ou esfumo as zonas das mais importantes operações.

Muitas vezes ainda isto me não basta. Para temas de grande responsabilidade, de efectivos numerosos e ligados nos flancos com fôrças importantes, esboço um «croquis» sumário em papel branco, onde, despidos de todos os acessórios, apenas aparecem a descoberto os pontos ou linhas que respeitam a questões tratadas ou postas em evidência no tema.

Desnecessário é encarecer a utilidade do emprêgo dos lápis a côres: além de extremar os campos pelas côres convencionais geralmente adotadas, vermelho e azul, permite dar o relêvo aos pontos que o devem ter e ferir mais fundamente a memória imaginativa de quem tem de resolver o tema.

Após muitas e repetidas leituras do tema em presença da carta acabo por

Viver a situação

isto é, tenho o assunto e o terreno inteiramente dentro do meu pensamento, sinto-me rialmente o comandante do destacamento ou partido, *e passo então a procurar* o ponto onde me acho, as posições das diversas unidades; *fantasio* o seu estado moral (resultado da ofensiva ou retirada), o grau de fadiga resultante das deslocações anteriores; *tomo conta* da estação climatérica, do dia, da hora, das circunstâncias atmosféricas prováveis, da natureza da região que se atravessa nas suas grandes linhas, da situação do inimigo, da sua fôrça e composição aproximadas, das condições morais em que êle deve encontrar-se, da distância que o separa de nós, etc...

Todas as cousas que vou determinando e que são suscètíveis de se marcar sôbre a carta, como situação de tropas, linhas de posições, etc., vou marcando sôbre a carta com pequenos sinais simples em cartão de que possúo algumas colèções em côres diferentes e em cada uma das quais, pela fórma, por abreviaturas escritas, etc., cada sinal simboliza um elemento componente a actuar.

Torno, por fim, a recapitular mais uma vez tudo quanto fiz, a começar por uma nova leitura do tema.

Eis assim preparado o taboleiro onde vai prosseguir o jôgo que encetei.

E' chegada a ocasião de começar a resolver o tema tático. Como?

Para cada questão pedida ou a tratar há uma doutrina a seguir. Aplico o ramo de doutrina que respeita à modalidade ocasional e escravizo-me aos princípios da mesma doutrina, amoldando-os às circunstâncias fortuitas que a disposição do taboleiro e os símbolos nele colocados aconselham.

Há principalmente uma coisa que me absorve a mais escolhida atenção: *apreender bem a missão*. E por isto formulo muitas vezes a mim mesmo a seguinte pregunta: *De que se trata?* **A missão deve ser o guia constante do raciocínio tático.** O dever do chefe é de se penetrar do espírito no qual ela foi concebida e conformar-se a ela *estrictamente* sem se deixar tentar por uma *apreciação pessoal*. Deve ser admitida sem discussão e abstrair-se, recebendo-a, de toda a opinião particular sôbre a situação geral, por muito fundada que ela possa ser.

O tema deve ser intangível como um *crédo* e indiscutível como um *dogma*. Mal ou bem feito, é o que é, ninguem tem o direito de o alterar.

Bem apreendida a missão ela deve naturalmente levar-nos:

1.º) a tomar uma *decisão* correspondendo a uma ideia geral de execução, desembaraçada de toda a consideração de detalhe;

2.º) a determinar metòdicamente que *meios* devemos empregar para agir segundo esta decisão, e

3.º) finalmente, traduzir decisão e meios em *ordens*.

Uma vez isto feito está resolvido o tema tático

A *decisão* é a parte mais importante da resolução; ela deve produzir o máximo de efeito útil no sentido da missão.

A *decisão* deve ser nítida, simples, lógica e não preconcebida, isto é, deve apoiar-se em realidades e não sôbre hipóteses criadas pela imaginação.

. . . . . .

Para chegar a constituir êste *método íntimo e pessoal* que adotei para a resolução dos temas táticos, as dificuldades doutrinárias e de aplicação levaram-me algumas vezes ao desânimo nos primeiros tempos.

Nessas horas de incerteza e desalento, ainda o poeta me animou vibrando-me aos ouvidos:

«Não tornes por detraz; pois é fraqueza
«Desistir-se da cousa começada.»

E, assim, sou naturalmente obrigado a apresentar-vos os passos dados, o preparo que fiz, os aperfeiçoamentos que lhe tenho introduzido, as fontes onde fui e vou ainda buscar elementos d'aplicação, etc.

. . . . . .

Há 32 anos que dia a dia acumulo uma bagagem progressiva de conhecimentos, muito modestos, é certo, mas que me dá o desembaraço natural que tem todo o indivíduo que pratica rotineiramente um dado serviço ou questão.

Para aquisição desta bagagem a mim mesmo propuz a seguinte lei de trabalho: «projétos de quem tem 100 anos para os cumprir, obras de quem tem apenas 12 horas para viver.»

. . . . . .

A quatro grandes ramos de fontes de trabalho fui buscar essa bagagem:

1.º) *Regulamentos* de campanha nacionais e estrangeiros e regulamentos de armas e serviços.

Começar pelos regulamentos é começar pelo princípio; êles integram impessoalmente os conhecimentos mais importantes em voga. São os agentes que restringem a impulsividade das iniciativas trazendo-as para o campo da disciplina da manobra e da unidade da doutrina.

2.º) *Revistas militares de caracter geral*. Todas as posteriores à guerra de 70, como o Journal des Sciences militaires, Revue Militaire Générale, Revue Militaire Suisse, Estudios Militares, Preparation à la guerre, Bulletin Belge, etc, etc,...

Sou um fanático pela leitura das revistas: recebo-as com sofreguidão e leio-as com ternura. Para mim, reputo-as de maior valor instrutivo, muitas vezes, do que as obras *em separatas*, originais. E por isto: uma ideia pode não dar um livro e dá sempre um artigo. As revistas são o repositório da evolução dos conhecimentos e quem as seguir com constância evoluciona com elas.

3.º) *Obras críticas* sôbre operações militares do passado, tais como as de Lewal, Jomini, Clausewitz, Verdy du Vernois, Bonnal, Langlois, Maillard, Cherfils, Meunier, Rouquerol, Palat, do suisso Feyler, talvez hoje o mais fino pensador militar, etc., etc.,... com cartas e *papillons* transparentes onde, por vezes, se seguem as operações nas suas fases horárias de execução.

4.º) *As obras com temas já resolvidos* e que ensinam a sua resolução. Tais as de Devaureux, Griepenkerl, Dlosse, Cournet, Culmann, Cruz e Sousa, coronel Malheiro, Mendonça, etc. etc. etc...

Este curto resumo indica ser formidável o trabalho de preparação a fazer para chegar à resolução bem encaminhada do tema tático. Deve ser um trabalho de toda a vida útil do oficial.

. . . . . .

A parte *aplicação* na vida militar é tudo. Em tática, ou o *jogo da guerra* ou o *tema tático* são os únicos elementos de estudo que melhor ideia nos dão da guerra e que podem ser aplicados em todo o tempo, em todo o lugar, com qualquer número de protogonistas.

Por isso reputo todo o tempo empregado na resolução de temas táticos como muito proveitoso.

E' do dever de todos nós, oficiais, entregar todos os nossos momentos disponíveis ao estudo do que nos pode ser útil na guerra, para que tenhamos sempre a consciência segura do cumprimento do nosso mais importante dever e a satisfação íntima que nos dá êsse cumprimento, como acentuadamente o proclama o poeta, quando diz:

«Porque sempre por via irá direita
«Quem do oportuno tempo se aproveita.»

José Paulo Fernandes
Coronel d'Artilharia

O Mês Artístico

■ A EXPOSIÇÃO MARCEL ABOUGIT ■ OS TEATROS ■

O outono dêste ano, desigual, inesperado de aspectos, mixto de inverno e de verão, teve a notabilizá-lo, em Lisboa, uma exposição curiosíssima de desenho e caricatura. Foi Marcel Abougit que deu essa nota atraente, vivaz. Ali na Rua Nova do Almada, na Fotografia Magalhães, escondidamente, ocupando um canto modesto, pouco mais de uma dúzia de cartões firmam definitivamente a reputação dum artista que se impõe desde logo, à primeira vista, pela elegância do seu traço, pela acerada observação psicológica que lhe permite dar retratos trazendo à superfície o «interior», mas tratando-os com uma acrimoniosa ironia. O desenhador *vê*, como raras vezes temos encontrado em caricatura. O desenho de Gomes da Costa, o de Ilda Stichini e o de Clemenceau, são admiráveis da expressão íntima, falam-nos, dizem qualquer coisa das suas almas...

Marcel Abougit não apareceu, felizmente para êle, com rèclames retumbantes. O melhor elogio que póde fazer-se dos seus trabalhos é o de agrado sincero com que os visitantes da sua exposição saem, manifestado no desejo de lá voltar e de «desafiar» as pessoas conhecidas para que a ela vão!

ATRAVÉS DOS PALCOS. — Abriu francamente a temporada teatral de inverno. Abre agitada, com densíssimas apreensões para a numerosa família scénica, que através dos seus órgãos associativos — o Grémio dos Artistas Teatrais e a Sociedade dos Escritores e Compositores Teatrais Portugueses — deixa vêr claramente o risco de desemprêgo que resultará das adaptações de teatros a cinematógrafos.

No meio desta lastimável conspiração, não deixa de se saber qual a orientação da maioria das casas de espectáculo, agora já em plena laboração:

■ NACIONAL. — Alves da Cunha, grande actor e honradíssimo empresário, que sabe respeitar integralmente a letra do seu contracto com o Estado, escolheu a peça de Savoir «La grande-duchesse et son garçon de étage», impedida de ser representada quando há tempos Álvaro de Andrade apresentou pela primeira vez a sua primorosa tradução. Os injustificados melindres de então passaram e hoje a peça vai livremente com toda a fina observação que a caracteriza e que, de quando em quando, nos faz recordar a «verve» e bom humôr de algumas das obras de Caillavet, Robert de Flers e Arène.

O desempenho uniforme desta peça, releva-a mais ainda, e a sábia direcção artística de Araujo Pereira valoriza-a na sua acessibilidade ao público.

Há entretanto uma anotação a fazêr a esta crónica — é a exibição de Alves da Cunha num papel de galã, que não está enquadrado no seu habitual «emploi».

O artista notável que é, conseguiu vencer inteiramente, com uma discreção de atitudes, com uma exatidão de perfil dramático, que bem se póde classificar de primoroso. Berta de Bivar, senhora de múltiplas qualidades, encaminhou distintamente a sua profissão no papel que lhe coube e a que deu uma encantadora probidade. Carlos de Oliveira, Ribeiro Lopes, Palmira Tôrres, Carlos de Sousa e Branca Riquetti, muito equilibrados.

■ TRINDADE. — Lucilia Simões e Erico Braga, empresários conscienciosos, que descobriram o «elexir» de bem agradar à sua plateia, teimam afortunadamente em pôr no palco do Trindade o teatro francês esfusiante, frívolo, às vezes a roçar pelo «pochade», mas sempre atraente pela encadeação das susa scenas e pela expontânea urdidura dos seus diálogos. «O Fauteil 47» de Luís Verneuil, elegante tradução de Acúrcio Pereira, está bem dentro dêstes moldes. Interessa e faz rir, e, pela imposição que faz do seu enrêdo, ouve-se sem fadiga e vê-se com simpatia. Erico, Samwel, Joaquim Almada, Lucília Simões e os outros artistas, em que Amélia Pereira tem ótimo quinhão, pegaram na peça e viveram-na. Eis tudo.

■ REVISTA E OPERETA. — O teatro musicado tem mais larga representação. Avenida, Foz, Apolo, Variedades, São Luís, Eden e Maria Vitória representam mais do dôbro das casas de espectáculo distribuidas pelo género de declamação. Nem todas estas emprêsas andam em maré de ventura, antes se póde concluir que raras são as que se salvam, sob o ponto de vista financeiro.

— O Avenida, com Amarante e Satanela e a perícia coreográfica de Francis, confunde a época do verão com a de inverno, nivelando-as com essa afortunada peça que se chama «Agua Pé», produto vinícola de que nem toda a gente gosta, mas que, como artigo teatral, tem sido de belo sabor para o público e para o empresário. Já se disse dela o bastante para que nos abstenhamos da referência demorada, registando-a tão sòmente como admirável «mascotte» de que Amarante parece ter o exclusivo.

— O Variedades nada tem ganho com as bôas vontades que o animam e com a competência do núcleo de artistas que, como Alves da Silva, Fernanda Côrte-Real e Raquel de Barros, representam qualquer coisa de valioso entre os intérpretes do nosso teatro lírico. Offenbach, que teve a sua época e que hoje se respeita como uma relíquia da opereta dos velhos tempos, quási passou despercebido. Agora entrou-se em pleno regímen de opereta nacional. «O Cara linda»

falhou pela precipitação com que foi escrita e pela ausência de «verve». Nem a música de Filipe Duarte a salva. Mas a vida tem os seus contrastes e a emprêsa do Apolo dêles aproveita com «O Caracol da Graça», sucedânea do «Arco do Cego», peça cujo negativismo teatral póde irmanar com «O Cara linda». «O Caracol da Graça» tem chamado o público e com muita justiça, porque está bem feita técnica e literáriamente. Se os autores do «Arco do Cego» tivessem visão, haviam de calcular que «O Caracol da Graça» sempre tinha mais probabilidades de êxito, porque estava quási ali à porta, emquanto que o «Arco do Cego» fica bem mais longe...

■ S Luís, — Armando de Vasconcelos regressou e com êle a sua companhia, inquilino tradicional do teatro da antiga Rua do Tesouro Velho. O S. Luís não nos dá novidades, por agora. Reedita a peça local de Avelino de Sousa «O bairro alto», que tanto agrado alcançou na temporada última. Mas, à vista está já «El-Rei Soviet, charge» espirituosa devida às penas esfusiantíssimas dos escritores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa. Parece que esta peça reserva a surpreza de apresentar a regê-la jovem pianista Jaime Silva.

■ O Teatro Salão Foz, cujas tentativas de revista não teem sido bem sucedidas — e ainda há pouco o provou a «Revista de Lisboa», onde se aproveitavam os números de música de Raul Ferrão e a rábula «Polícia-Frade», naturalissimamente feita por Duarte Costa, — volta aos espectáculos com o caracter «sketch». Depois do grupo russo «Korobok» a companhia «Alma», que tanto agrado produziu no Coliseu. Depois dos números severos e nostálgicos dos «bateleiros do Volga» e dos «Hussards da Guarda», a fresca inspiração, o viço álacre das canções «Primavera» e «Valencia», coloridas e mimosas.

Nogueira de Brito

Crónica Literária

■ **de Rebelo de Bettencourt** ■

Joaseiro do P.e Cicero *(Scenas e quadros do fanatismo no Nordeste)* por *Lourenço Fialho. — Edição da Companhia de Melhoramentos de S. Paulo.*

O problema da "brasilidade" e o problema português.

Afirmei na minha crónica anterior que sendo a literatura brasileira quási irmã da nossa, importava conhecê-la. Mas para se conhecer bem a literatura brasileira não basta apenas lêr os seus admiráveis poetas e prosadores, uns e outros criadores de novos ritmos e esplendorosa forma: é preciso conhecer também os seus críticos, os seus historiadores, os seus filósofos. Se os artistas da prosa e do verso revelam a alma emotiva do Brasil — os outros historiam, explicam e marcam as tendências, as origens dos factos que maior ou menor influência tiveram na vida dos povos que habitam a vasta rèpública da América do Sul.

Este livro do ilustre professor de S. Paulo, sr. Lourenço Filho, é digno de justificado interêsse. Lourenço Filho não é só um homem erudito, portador de uma aguda e penetrante inteligência, — possue também o dom da prosa, uma prosa equilibrada, cheia de côr e ritmo, que, aqui e ali, numa ou noutra página, atinge a mais alta perfeição e nos prende e encanta.

E' essa prosa magnificente e modelar, em que só de onde em onde aparece um ou outro brasileirismo, que dá ao livro um dobrado interesse. O prefácio vale por muitos livros que certa gèração esperançosa de cá tem congeminado e posto à venda.

O *Joaseiro do Padre Cicero* é descrito e estudado em todos os seus aspectos físicos, em todas as suas fases morais, de uma maneira tão completa e tão inteligente, que revelam, simultâneamente, no autor, — o historiador, o psicólogo e o etnólogo. É um aspecto curioso do fanatismo do Nordeste que Lourenço Filho explica e mostra como uma chaga vergonhosa, e a que aplica, logo a seguir, o ferro em braza da sua crítica severa e justa.

O *Joaseiro* que, corogràficamente, está dentro do Brasil, está fóra dêle, fóra da civilisação pelo seu lado moral. E é por uma unidade moral que Lourenço Filho aspira, como todos os escritores da moderna gèração brasileira.

Lourenço Filho sente-se possuido dessa *fôrça de brasilidade, dia a dia mais sensível,* e é êle ainda que nos diz no seu magnífico Prefácio: *E' preciso, emfim, que todos concorramos para dar consciência á «força da terra».*

Estas palavras devem ser lidas e reflectidas também pelos portugueses — porque nós ainda hoje, apesar de sermos uma nação muito mais velha do que o Brasil, somos também uma *energia criadora quase sem consciência definida,* divididos por uma incompreensível política que conseguiu esta cousa espantosa, num país tão pequeno, — vêrmos os católicos divididos em dois grupos, os monárquicos em três facções, e os republicanos não sei em quantos partidos, não falando dos indiferentes, que talvez sejam os piores!

■

REGISTO DE ENTRADAS:

Arte do Canto (Breves noções), por *D. Ema dos Santos Fonseca* (Vera Ghharb).

ROYAL -PHOTO

ATELIER DE ARTE FOTOGRÁFICA

SANTOS & RAPOZO L.DA

RUA DO CARMO, 55-1.º

(AO CHIADO)

LISBOA

■ ■ ■

GRAN PRIX

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL

DO RIO DE JANEIRO DE 1923

Miguel Monteiro

TRAS-OS-MONTES

VILA REAL

43, P. RIO DE JANEIRO, 43

■

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

■

Encarrega-se da edição de vistas de qualquer localidade do país

PEDIR ORÇAMENTOS

EMILIO SALGUEIRO

ADVOGADO

RUA AUGUSTA, 188-3.º E.

LISBOA

(TELEFONE C. 1954)

Livros à venda na

COOPERATIVA EDITORA E TIPOGRÁFICA

■ RESSURGIMENTO ■

COLECÇÃO DA GRANDE GUERRA

Ten. Mateus Moreno:

SANGUE D'EPOPEIA — A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES. (Autorizada a aquisição ás unidades, pela O. E. n.º 3 (1.ª série) de 1923.) Vol. de 160 paginas,i lustrado . . . 5$00

DA GUERRA E DA PAZ. 3.ª edição il. 2$00

Cap. José Brandão:

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA (Notas subsidiárias para uma). 3$50

POESIA

Mateus Moreno:

MINHA PÁTRIA (Poema em 3 livros e 3 jornadas). Ed. il. 96 pags. broch. 3$00. Cada livro 1$00

Luís Calado Nunes:

ODES DE ANACREONTE. Vol. broch. 2$50

Rebelo de Bettencourt:

CANTIGAS, (com retrato do A.), 64 pag. 2$50

Poetas do Algarve:

MUSA ALGARVIA, lindo vol. ilustr. . 7$50

ESTUDOS E CRÓNICAS

Oldemiro César e Cruz Magalhães:

CAMPANHAS CAMILIANAS, 1 vol. il. 4$00

D. Conceição d'Eça de Melo:

EÇA DE QUEIROZ REVELADO. Fol. il. 2$500

ROMANCES E NOVELAS

Eunice Franco:

O LOUCO AMOR, novela passional, trad. 3$50

ARTE

J. Saavedra Machado:

O DESENHO E A MULHER NO LABOR ARTÍSTICO DE RAFAEL BORDALO (edição de luxo em fascículos, a saír.) . . . . .

OBRAS VÁRIAS EM DEPÓSITO:

Do dr. João da Silva Correia:

«O doutor Adolfo Coelho - Pedagogo» 5$00

«O papel das Escolas Normais Superiores na reorganização da sociedade portuguesa» (discurso) 4$00

"A condução pedagógica da lição no ensino liceal» (tese de exame de estado) . . . . 3$00

«Projecto de um programa de língua Materna para a Escola Primária Geral" . . . . 2$50

"O problema do simbolismo fonético" 3$50

"A difícil função do Professor em Portugal" 3$50

"A intepretação verbal de sons e ruídos naturais" . . . . . 4$00

"A linguamem da mulher em relação à do homem . . . . . 7$50

Enviamos estas obras franco-porte a quem nos remeter a importância.
Os assinantes da "Alma Nova" e de "A Garota" têm 20 % de desconto.

Em resposta à estulta provocação dum pseudo concorrente, que pretendia convencer o publico de que o papel que importava provinha da mesma casa que nos fornece o LEGITIMO ZIG ZAG, fizemos publicar nos jornais mais lidos de Lisboa e Porto, em fins de Setembro ultimo e sob o titulo «PREVENÇÃO», um comunicado em que intimavamos esse concorrente da ultima hora a apresentar a factura relativa ao papel que tentava introduzir no mercado em detrimento dos consumidores da nossa apreciada marca.

Certos, como estavamos de que lhe seria impossivel a apresentação desse documento, esperámos pacientemente perto dum mês a contestação do que no mesmo comunicado afirmavamos, mas como até esta data nenhuma resposta tivessemos obtido, resolvemos encerrar o incidente com a publicação do seguinte documento, que nos foi remetido pelos proprios fabricantes do LEGITIMO ZIG ZAG:

PH 74144

Société Anonyme des Anciens

Etablissements BRAUNSTEIN Frères

83 Boulevard Exelmans, Paris

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

DECLARACAO

A Société Anonyme des Anciens Etablissements Braunstein Frères, com sede em Paris, Boulevard Exelmans 83, unica e exclusiva productora da conhecida marca de papel de fumar "ZIG ZAG" declara, peremptoriamente e para qualquer effeito que: TODO o papel que exporta para Portugal tem no interiordos livrinhos a seguinte inscripçao:

UNICOS IMPORTADORES EM PORTUGAL

A CASA HAVANEZA - LISBOA

devendo, portanto, ser considerada como fraudulenta qualquer outra marca que, EMBORA COM O MESMO NOME E AS MESMAS CARACTERISTICAS-appareça no mercado portuguez e não tenha a indicaçao acima mencionada.

IMPORTANTE: Com excepçao do Alcatrao 175, SAO GOMMADAS, todas as qualidades de papel de fumar que fornecemos para Portugal.

DECLARATION

La Société Anonyme des Anciens Etablissements Braunstein Frères, dont le siège est à Paris, Boulevard Exelmans 83 seule et exclusive productrice de notre marque connue de papier à cigarettes "Zig Zag" déclare péremptoirement, et à tout effet que:

TOUT le papier qu'elle exporte pour le Portugal porte à l'intérieur des cahiers l'inscription suivante:

UNICOS IMPORTADORES EM PORTU-
(Seuls importateurs au-GAL
Portugal)
A CASA HAVANEZA - LISBOA

toute autre marque paraissant sur le marché portugais et ne portant pas l'indication ci-dessus mentionnée-quoique avec la même nom et les mêmes caractéristiques-devant par conséquent être considérée comme frauduleuse.

IMPORTANT- A l'exception du Goudron 175, toutes les qualités de papier à cigarettes que nous fournissons pour le Portugal sont gommées.

Paris le 10 octobre 1927

L'Administrateur délégué

Vu pour certifier la matérielle de la signature ci-dessus

Paris le 11-10-1927

Le Commissaire de Police

A reprodução deste documento dispensa qualquer comentario: no entanto, como certos comerciantes — felizmente muito poucos — insistem, por espirito de ganancia e estreiteza de vistas, em substituir o LEGITIMO ZIG ZAG por qualquer outra contrafacção, mais ou menos bem imitada, abusando da boa fé e da confiança do freguez, mais uma vez recomendamos aos consumidores das nossas marcas que **REJEITEM** todo o papel que não tiver no interior da capa: **UNICOS IMPORTADORES EM PORTUGAL**

a CASA HAVANEZA -- LISBOA

24 -- LARGO DO CHIADO -- 25